



O JOGO DAS IDENTIDADES NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS: TENSÕES E DILEMAS DE ESTUDANTES NEGROS/AS

Alex Sander da Silva¹

Resumo: Neste breve artigo, pretende-se apresentar alguns apontamentos e questionamentos que dizem respeito à problemática racial no âmbito da formação docente e articular uma compreensão dos desdobramentos das identidades de estudantes negros/as no âmbito da formação universitária. O resgate de uma identidade afirmativa significa, no processo de formação de professores, perceberem as tensões e dilemas da construção identitária. Significa também buscar novos subsídios para a compreensão da construção de uma nova cultura política de enfrentamento das desigualdades raciais no Brasil.

Palavras-chave: identidade cultural, formação docente, pedagogia, desigualdade racial

THE GAME OF IDENTITIES IN TEACHER EDUCATION/AS: TENSIONS AND DILEMMAS OF BLACK STUDENTS/AS

Abstract: In this short paper I present some issues and questions related to the racial problem in the context of teacher education and articulate an understanding of the implications of black students identities within universities. In the process of teacher formation, the affirmative identity means the ability to perceive the tensions and dilemmas of identity construction. It also means looking for new elements to understand the construction of a new political culture of confrontation of racial inequalities in Brazil.

Keywords: cultural identity, teacher education, pedagogy, racial inequality

¹ Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul de Santa Catarina (UNESC), Av. Universitária, 1105 - Bairro Universitário, C.P. 3167 | CEP: 88806-000 bloco Q sala 15, Criciúma / Santa Catarina. Endereço eletrônico: Alexsanders@unesc.net

Introdução

As desigualdades raciais no Brasil vêm sendo denunciadas desde há muito tempo, todavia, esse tema tem causado alguns desconfortos entre os educadores. Existem, ainda, certos preconceitos em falar de racismo e das diversas formas que ele se manifesta nas relações sociais, de modo particular, no âmbito educacional. De fato, esse tema nunca vai deixar de ser difícil para se debater, todavia, tem que enfrentá-lo frequentemente em todos os âmbitos da sociedade. Fugir dele, é dar mais força a determinadas práticas arraigadas de preconceitos raciais, historicamente construídos.

Propomos-nos a enfrentar esse debate e trazer à tona a necessidade do resgate, de forma afirmativa, da identidade negra no meio universitário. Isso corresponde a assumir o tema com todos os riscos que ele apresenta, mas compreendendo que ele se faz pertinente ainda hoje. A tentativa é, de forma breve, apresentar, alguns apontamentos e questionamentos que dizem respeito à tematização da problemática racial no âmbito da formação docente. Ou seja, articular uma compreensão dos desdobramentos das identidades raciais de estudantes negros/as no âmbito da formação universitária. De modo particular, perceber como se situa a construção da identidade negra, nesse nível de ensino, de alunos negros de um curso de pedagogia.²

Numa abordagem preliminar sobre a questão da identidade negra, pode-se destacar ainda uma grande lacuna nos debates educacionais. Embora existam alguns estudos que tratam da temática (SOUZA, 2001, 1998; CUNHA Jr., 2001; SIQUEIRA, 2001), de um modo geral ainda é forte uma concepção educacional pautada nos moldes eurocêntricos. Em certa medida, para entender o impacto dos conteúdos, das práticas educacionais atualmente, precisa-se minimamente conhecer e compreender a real contribuição e valorização do patrimônio histórico-cultural do povo negro.

Um desafio inicial: reconhecer o racismo no Brasil

Antes de compreendermos a construção das identidades nos ambientes de formação de professores, é preciso estar atento às contradições existentes em relação ao próprio racismo no Brasil. De um modo geral, existe um *preconceito* em reconhecer o próprio

² Distribuímos questionários de pesquisa com questões abertas, referentes à percepção de estudantes negras no curso de pedagogia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

preconceito racial em nosso país. Certamente, um grande desafio aos pensadores sociais é entender de que forma o racismo brasileiro opera, a fim de buscar formas de combatê-lo. Estigmatizá-lo não leva a lugar algum, todavia, ignorá-lo também.³

O racismo no Brasil é um caso complexo e singular, pois ele se afirma por meio da sua própria negação. Ele é negado de forma veemente, mas mantém-se presente no sistema de valores que regem o comportamento da sociedade (MUNANGA, 1996, 1999, 2001; GONÇALVES, 2000; OLIVEN, 2007). Munanga (1996), alerta que as lutas contra o racismo passam por duas formas de ação: “uma *discursiva e retórica* e outra *prática*”(p.79). Isso não significa estabelecer um consenso entre os estudiosos e a própria sociedade em relação ao tema, mas lutar contra as formas que insistem em esconder o racismo brasileiro e não debatê-lo.

Um primeiro passo, para o reconhecimento do racismo, é afastar a idéia de *democracia racial*, isso outorgaria maior consistência no discurso e nas práticas sociais do seu combate. Para Florestan Fernandes(1978), a desmistificação a idéia de convivência pacífica entre as raças no Brasil, deveria ser um dos primeiros passos que se deveria dar como forma de fortalecimento da luta do povo negro contra a discriminação racial.

Em seguida, se deveria construir um movimento de oposição à ideologia dominante, criando assim bases político-culturais de combate não apenas ao racismo, mas também ao capitalismo. Pois é necessário o reconhecimento que o racismo se aprofunda a partir de uma relação de exploração de classe social. Com efeito, a estereotipia negativa contra o negro e o aprofundamento das diferenças entre os grupos étnicos, ganha novas dimensões, a partir do modo de exploração capitalista.

Assim, é preciso compreender que o “preconceito e a discriminação raciais estão presos a uma rede da exploração do homem pelo homem e que o bombardeio da identidade racial é prelúdio ou o requisito da formação de uma população excedente destinada, em massa, ao trabalho sujo e mal pago (...)” (FERNANDES, 1989, p.28). Portanto, a luta é contra esta situação concreta e visível de exploração.

³ Uma das especificidades do preconceito vigente no país é seu caráter não oficial. Enquanto em outros países adotaram-se estratégias jurídicas que garantiam a discriminação dentro da legalidade, no Brasil, desde a proclamação da República, a universalidade da lei foi afirmada de maneira taxativa: nenhuma cláusula, nenhuma referência explícita a qualquer tipo de diferenciação pautada na raça. No entanto, assim como silêncio não é sinônimo de inexistência, o racismo foi aos poucos reposto, primeiro de forma "científica", com base no beneplácito da biologia, e depois pela própria ordem do costume.

Com base nestas considerações, a luta anti-racista toma corpo e consistência quando está atenta a esses dois fatores citados. E a busca da identidade negra configura-se numa espécie de estratégia política e cultural. Os efeitos desta estratégia são inegáveis, “embora não deixem de ser objeto de manipulação da ideologia dominante, que vê nela um espaço para reafirmar a tolerância e a ‘democracia racial’” (MUNANGA, 1996, p.86).

Poderíamos aprofundar o assunto, mas o que nos interessa no momento é saber se esta estratégia política e cultural pode provocar uma reação positiva na sociedade, em relação as iniciativas de resgate da identidade negra de forma afirmativa. Pois bem, para efeito desse nosso trabalho, podemos nos perguntar: como os/as estudantes negros/as se vêm refletidos/as na universidade, na sua identidade, na cultura de forma afirmativa? Como as práticas docentes têm levando em conta as desigualdades raciais no processo pedagógico?

Antes de adentrarmos nestas questões, trataremos brevemente sobre o conceito de identidade política e cultural negra.

Para uma concepção dinâmica da identidade negra

A necessidade da população negra por reconhecimento, valorização e afirmação de direitos, no que diz respeito a educação, passou a ser particularmente apoiada pela promulgação da Lei 10.639/2003.⁴ Mesmo assim se faz importante destacar que vivemos numa sociedade marcadamente *etnocêntrica* de raiz européia, portanto, cabe no debate educacional, ainda tematizar a questão da identidade negra.

Segundo Stuart Hall, a identidade é um conceito crucial, porque funciona como conceito articulador. Age como ponto de ligação, entre os discursos e as práticas que procuram interpelar, falar-nos ou colocar-nos em nosso lugar, enquanto sujeitos sociais de discursos particulares, por um lado. Por outro, os processos que produzem a subjetividade, nos constroem como sujeitos, podem falar e ser falados (1996, p.5 apud Mendes 2002, p.503).

⁴ Em março de 2003 foi sancionada a Lei 10639/03- MEC, que altera a LDB (Lei Diretrizes e Bases) e institui a obrigatoriedade do ensino de Historia da África e dos africanos no currículo escolar do ensino fundamental e médio.

As identidades, segundo José M. O. Mendes (2002, p. 506), emergem da narrativização do próprio sujeito e das suas vivências sociais. E a natureza necessariamente ficcional deste processo não afeta a eficácia discursiva e material ou política das mesmas. As identidades, a seu ver, constroem-se no e pelo discurso, em lugares históricos e institucionais específicos, em formações prático-discursivas específicas e por estratégias enunciativas precisas.

Também Stuart Hall (1996, p.4 apud Mendes 2002,) refere que as identidades emergem dessa narrativização do sujeito, e que a natureza necessariamente ficcional deste processo não afeta a eficácia discursiva e material ou política das mesmas. As identidades constroem-se no e pelo discurso, em lugares históricos e institucionais específicos, em formações práticas e discursivas específicas e por estratégias enunciativas precisas⁵.

Os relatos, as narrativas que elaboramos sobre nós próprios, não são apenas mapas de um território, mas diários de bordo (BAXTER e MONTGOMERY, p.143 apud Mendes, p. 520, 1996). Cada sujeito é portador de várias subjetividades, co-criadas em contextos distintos, e que apresentam versões diferentes e igualmente válidas desse sujeito. A unidade subjetiva deriva mais das crenças sociais do que da experiência social. O sujeito é uma construção constante de sua própria narratividade.⁶

Para Mendes (2002) a concepção de identidade (descentrada e/ou narrativa) como sendo socialmente construída, distribuída e reconstruída nas interações sociais, nos remete a essa concepção dinâmica da própria identidade em construção. Sendo que suas bases e origens são acidentais, das ranhuras, do caos, dos erros, isto é, não da reprodução do idêntico oriundo da socialização familiar, do grupo, etc, mas do “ruído social”, dos conflitos entre os diferentes agentes e lugares de socialização.

No entender de Mendes, um dos autores que mais realce deu e melhor explorou as múltiplas pertencas dos indivíduos foi Erving Goffman. Sendo que para esse autor as identidades são múltiplas, flutuantes e situacionais. Para Mendes na execução cotidiana e normal dos seus papéis sociais, o indivíduo pode ser conduzido a uma fragmentação como

⁵ Mendes (2002) na explicitação do conceito de identidade narrativa e da sua importância teórica considera importante a proposta de Mikhail Bakhtin, que apesar de ser especialista de crítica literária, cunhou conceitos que enriquecem a análise da construção e reconstrução dos processos identitários (p. 518).

⁶ De acordo com Mendes a proposta teórica de Mikhail Bakhtin não representa por completo a noção de identidade narrativa, mas é sobretudo, nos trabalhos de Paul Ricoeur, de modo particular em *O si-mesmo como outro* (1990), é possível encontrar uma elaboração teórica complexa da relação entre identidade e narrativa.

sujeito derivada de uma execução eficaz desses papéis sociais e impossibilitando a construção de uma auto-imagem unitária (MENDES 2002, p.506).

Todavia, embora façamos referência à problemática da identidade cultural, não perdemos de vista a questão da identidade racial em seu sentido mais amplo, sobretudo, marcada pelos processos sociais contemporâneos de transição e de luta de classes (FERNANDES, 1989). Nesse sentido, o enfoque sobre as identidades negras deve estar relacionado com as práticas identitárias alternativas, que consideram a realidade da discriminação racial, a fim de possibilitar um melhor entendimento da diversidade étnico-racial na formação de professores.

Na perspectiva teórica de Stuart Hall (1999)⁷, entendemos que as identidades negras da diáspora são (re)construídas a partir da experiência radical de desraizamento e constante metamorfose cultural. Essas identidades são construções históricas, contingentes e em estreita conexão com o poder capitalista. Portanto, se faz fundamental compreendê-la nesse processo para evitar sua possível dissolução (morte). Tal compreensão nos remete as origens do capitalismo moderno, até sua manifestação tardia.

Parece-nos legítima tal compreensão, sobretudo, quando localizamos e enfrentamos o tema das identidades no debate sobre as questões raciais e a reconstrução e rearticulação da identidade negra no Brasil. E ao articularmos essas questões, nos deparamos com uma realidade ainda problemática para a população negra brasileira. Pois, quando falamos em identidade negra, temos que ter em mente, sua identidade negada pós-abolição da escravidão e todas as políticas de “branqueamento” sofridas por essa população.

3- Identidades negras e formação de professores

A universidade tem possibilitado aos estudantes e professores negros/as o acesso aos conhecimentos historicamente construídos. No entanto, tem “pecado” na tematização das questões raciais em grande medida. Questões tais como: Que fatores contribuem e quais dificultam a construção da identidade negra? Como a universidade pode contribuir na construção de uma concepção dinâmica da identidade negra na formação de professores/as? Permanecem ausentes na política curricular da maioria dos cursos.

⁷ No livro *A identidade cultural na pós-modernidade* Stuart Hall além de apresentar com detalhes o conceito de identidade cultural, discute o descentramento do conceito a partir do descentramento do próprio sujeito no mundo globalizado. O autor fala em cinco grandes avanços na teoria social e nas ciências humanas ocorridas no pensamento no período da modernidade tardia.

Em se tratando das questões raciais na formação de professores, ainda muitos negros não se reconhecem no ambiente universitário. Embora possa haver muitos mecanismos que contribuam para diminuir o impacto do preconceito racial, mas o não reconhecimento de si como negro e, ou negra ainda se faz presente por medo do racismo que ainda é muito velado.

Ainda persiste no Brasil um imaginário étnico-racial que privilegia a brancura e valoriza principalmente as raízes européias, ignorando ou pouco valorizando as outras (africanas, indígenas, asiáticas, etc). Os diferentes grupos, as diferentes identidades que constituem a própria sociedade brasileira, têm demonstrado o quanto é necessário o respeito a diversidade étnico-racial. Assim sendo, a educação, particularmente a formação de professores, devem constituir-se em espaços de aprendizagens entre brancos e negros, trocas de conhecimentos de história e de cultura.

A construção/reconstrução positiva da identidade negra, superadora de discriminações e viabilizadora de práticas curriculares trazem tensões e ambigüidades. Sobretudo quando procura avançar no reconhecimento e na valorização da população negra. Todavia, se faz importante esclarecer que *ser negro no Brasil não se limita às características físicas. Trata-se de uma escolha política*. Portanto, o é quem assim se define e se assume.

Destacamos aqui algumas percepções de estudantes negras no seu curso de pedagogia, seus dilemas e tensões no seu processo de formação docente:

(...)Quando ninguém os olha de maneira diferente porque é negro e também se houver empenho da universidade para que haja uma conscientização(E1)

(...) (os/as estudantes negros/as) não se vem, pois é só mais um, não tem identidade, e por força do sistema acaba assimilando histórias e identidades que não são as suas (E2)

(...)Eu acredito que muitos de nós, ainda encontramos certas dificuldades dentro da universidade por sermos negros (E3)

Se a percepção que um indivíduo tem de si depende também das percepções do mundo social que está inserido, é necessário considerar seus aspectos identitários. Os sentimentos manifestos demonstram um caráter de estranhamento em relação à vivência universitária. O que se destaca é a tensão entre as expectativas da universidade e os anseios pessoais, e assim a configuração da identidade negra fica comprometida. E no caso das

estudantes negras isso se torna mais problemática, justamente, pois ainda sentem sua *identidade negada* em sua formação universitária.

E quando falamos em educação, estamos falando de um amplo processo contínuo, uma postura de vida que envolve não só a maneira formal, mas também os adquiridos nas relações interpessoais, (...) *o preparo dos professores em reconhecerem outras etnias que não são visualizadas; seus costumes e culturas são invisibilizadas. Há um silêncio cúmplice de negação da identidade que teima em se apresentar*(E2).

De qualquer forma, as representações sociais que particularmente formam elementos significantes no ambiente cultural dos/as estudantes negros/as são aquelas que conferem em si mesmos posições no sistema social. A filiação em uma categoria social particular fornece aos indivíduos tanto uma localização social quanto um valor relativo para outros indivíduos socialmente categorizados. E estes aspectos representam categorias sociais significantes internalizadas no indivíduo como *autoconceito* e atuam como pré-requisitos para a participação na vida social, podendo ser descritos como *identidade social* (FREIRE,1998, p.44).

Mais algumas falas:

(...) Tenho notado poucos professores negros, acredito que ainda exista uma resistência para professores em universidades trabalharem (...) (a universidade) só poderá construir uma educação aceitando e formando professores afro, ai sim poderemos acreditar nesta transformação(E2)

(...) Formando professores que valorizem a cultura afro como as demais culturas, pois até então não tem tido a valorização merecida (E1)

(...) Quando reconhecer que existe esta dívida social e cultural e que é também é da sua competência ser agente transformador e multiplicador de equidade, sem fechar-se para a realidade que está posta (E4).

Como podemos notar, tais afirmações nos levam a uma questão importante: de que modo a universidade tem contribuído para que os estudantes, particularmente, na formação docente, possam construir sua identidade social positiva/afirmativa em relação a sua pertença a um grupo afrodescendente? Há muitas maneiras de fazer isso, mas uma delas é respeitando todos/as estudantes em sua diversidade étnico-racial, oferecendo as mesmas oportunidades efetivas de reconhecimento de si e valorização de sua cultura.

4- Considerações finais

Nosso interesse foi detectar nos depoimentos a condição da identidade de estudantes negras num curso de pedagogia, articulada com as percepções destes na formação de professores. Os depoimentos indicaram, grosso modo, que as identidades negras pouco são reconhecidas, nos currículos e nas práticas pedagógicas do curso. Entretanto, conforme se procurou argumentar, o reconhecimento de um grupo social por muito tempo silenciado, necessita de discussões mais profundas para que se proponha uma (re)construção identitária, que valorize as diversidades étnico-raciais.

Dessa maneira, faz-se necessário discutir os caminhos plurais que possibilitem o resgate desta identidade de forma afirmativa. Ao mesmo tempo, é necessário identificar o campo de lutas dessas identidades num contexto de preconceitos ainda arraigados. Nesse sentido, pode-se dizer que a luta do povo negro por reconhecimento das desigualdades que se aprofundam cada vez mais, remete à compreensão da condição subumana de existência da população negra no Brasil e da própria negação de sua identidade.

De modo particular, no processo de formação de professores, as tensões e dilemas da construção identitária podem representar subsídios para a compreensão da construção de uma nova cultura política de enfrentamento das desigualdades raciais no Brasil. E, resgatar os fatores constitutivos da construção da identidade negra, com sua fluidez, mobilidade e complexidade, significa, os sujeitos negros, intervirem nos espaços educacionais onde estão presente de forma protagonista. Dessa forma, podem contribuir para as reflexões sobre o problema do próprio preconceito racial no ambiente acadêmico e na própria sociedade.

Nesse sentido, cabe a universidade apresentar pontos de partida para debates, de forma a progredirmos, cada vez mais, nessa estrada de luta contra o preconceito racial, de forma tão corajosamente aberta. Desse modo, é acreditar que, a partir da educação é possível desafiar realidades desiguais instituídas. As histórias da população negra mostram que os caminhos da construção identitária, embora áridos e desafiadores, são preches de possibilidades da resistência contra as desigualdades raciais ainda persistentes em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

CAVALLEIRO, E. "Educação anti racista: compromisso indispensável para um mundo melhor". In: Cavalleiro (org) *Racismo e anti racismo na educação*. São Paulo: Summus, 2001.

DINIZ, Marta. Identidade negra e espaço educacional: vozes, histórias e contribuições do multiculturalismo. In: <http://www.lpp-uerj.net/olped/documentos/0525.pdf>. acesso em 05 dez. 2007.

FERNANDES, Florestan. 1978. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Ática. vol. I e II.

_____. *Significado do protesto negro*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

FREIRE, Ida M. Brincando de esconde-esconde: a construção da identidade da criança afrodescendente no contexto da educação infantil. In: LIMA, Ivan C.; ROMÃO, Jeruse e SILVEIRA, Maria. *Os negros, os conteúdos escolares e a diversidade cultural II*. Florianópolis, NEN, 1998.

GOMES, N. L. & GONÇALVES E SILVA, P. B. (orgs.), *Experiências Étnico-Culturais para a Formação de Professores*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica.

GONÇALVES, L. A. Os negros e a educação no Brasil. In: LOPES, E.M. et al. (orgs.) *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autentica, 2000.

GRIFFITHS, Morwena. *Feminisms and the Self. The web of identity*. Londres: Routledge, 1995.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

MENDES, José Manuel Oliveira, In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *A globalização e as ciências sociais* – São Paulo: Cortez, 2002.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. (org.) *Estratégias, políticas de combate à discriminação racial*. São Paulo: Edusp, 1996.

_____. *Identidade nacional, identidade negra e mestiçagem no Brasil*. Seminário Negro e Educação. Rio de Janeiro, out. 2001 (palestra).

OLIVEN, Arabela C. Ações afirmativas, relações raciais e política de cotas nas universidades: uma comparação entre os Estados Unidos e o Brasil. *Revista Educação*, Porto Alegre, n.1(61), p.29-51, jan./abr., 2007.

OLIVEIRA, I.M. de. *Preconceito e autoconceito. Identidade e interação na sala de aula*. Campinas: Papirus, 1994.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A queda do Angelus Novus: para além da equação moderna entre raízes e opções. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 45, p. 5-34, 1996.

TAJFEL, H. *Grupos humanos e categorias sociais*. V.1 e 2, Lisboa: Livros Horizontes, 1980.